

# O DUPLO MACHADO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Retomando o fio da cronologia interrompida, chegamos ao ponto misterioso da história de Machado de Assis. Com quarenta anos, já nomeado primeiro oficial da Secretaria da Agricultura desde 1874, começa a divergência entre a vida e a obra, ou melhor, a divergência entre a vida visível e a invisível. No momento em que uma se torna mais estável e mais remunerada, torna-se a outra mais angustiada e até mais amarga. Vem a lume os grandes romances e os grandes contos, que se destacam da obra anterior por uma diferença de dimensão, por uma diferença específica sem a qual não estaríamos aqui cuidando do autor e da obra. O talento continuava, mas o gênio nascia, e nascia em oposição a todos os valores e categorias que tinham sido os eixos de referência da obra anterior. Um novo olhar se abria para o mundo. Terão os leitores e críticos de 1881 percebido que "Memórias Póstumas de Braz Cubas" era uma coisa nova na língua portuguesa? Parece que não. Consultando o volume de "Correspondência" não encontro carta em que o missivista diga alguma coisa da obra e de sua transformação. Era ao homem de trato amável, e que escrevia muitíssimo bem, era ao amigo ou ao presidente da Academia que se dirigia a correspondência. Nas cartas de Joaquim Nabuco de 1889 só se encontra uma ligeira referência a "Dom Casmurro" relativa ao zelo dos editores Garnier. Tem-se a impressão de que Joaquim Nabuco achava naturalíssimo que o homem chamado Joaquim Maria Machado de Assis escrevesse um romance chamado "Dom Casmurro". E nós, que até hoje ainda não nos habituamos à idéia de ter sido escrito tal livro, ficamos admirados diante de mais esta incongruência: Machado de Assis homem, por seus títulos, por sua cordial amenidade, e pode ser que por sua medalha da Ordem da Rosa, parece mais estimado, mais valorizado do que Machado de Assis autor de "Quincas Borba". Conheceria ele mesmo, Machado, o valor absoluto e o relativo de sua obra de maturidade? Interrogando a obra, lendo as páginas inigualáveis de "Memórias Póstumas" e de "Dom Casmurro", achamos impossível que tão lúcida maestria e tão implacável finura não tivesse consciência de seu exato valor e do desnível em relação aos outros escritores do tempo. Se porém voltamos os olhos para as cartas e para os discursos, espantamo-nos de ver a veneração que Machado tinha por Alencar e os louvores que pronuncia sobre o "Canaan" de Graça Aranha. Será possível que ele não soubesse que era muito maior do que o autor de "O Guarani"? Será crível que não sentisse a mediocridade de Graça Aranha? O fato é que o irreverente viviseccionador de seus personagens torna-se discreto, respeitoso, quando se depara com os personagens desse folhetim mais extenso e confuso que é o mundo. Quem rompe as etiquetas é José Veríssimo. Em carta de 1901, no pórtico deste século de irreverências e desordens, Veríssimo alude a um "livro besta" de um tal F... Mesmo assim provocado, responde Machado com discreta evasiva: "Não li o livro de F... O dr. Heraclito, com quem estive ontem, é da sua mesma opinião, e expô-la com igual vigor. Disse ele que Graça voltará da Inglaterra até o fim do ano; sabe alguma coisa?" Doze dias depois volta Veríssimo a tocar no livro de F... "assombroso de bobice" sem conseguir que Machado morda a isca deliciosa da maledicência literária. Outro episódio que mostra a relutância de Machado por dissidências literárias, é aquele motivado pelo aparecimento de "Pensées détachées et Souvenirs", de seu grande amigo Nabuco, e pela crítica desfavorável de Veríssimo.

Escreve Nabuco em carta: "O meu livro tem sido muito bem acolhido em França. Aí suponho que o Veríssimo o matou. Quando se diz de um livro que fôra melhor não ter sido publicado, tem-se-lhe rezado o "requiescat". E mais adiante retorne à queixa: "Sei que a crítica do Veríssimo af fez muito mal ao livro, porque me repetiram um dito de um dos rapazes da divisão naval; que o meu livro não tinha atualidade. Atualidade num livro de pensamento!" Responde-lhe Machado: "Não creia que a crítica o matasse aqui, ele é dos que sobrenadam. O tempo ajudará o tempo e o que nele há de profundo, fino e bem dito conservará seu grande valor. Sabe como eu sempre apreciei essa espécie de escritos, e o que pensei deste livro antes dele sair do prelo. O prêmio da Academia Francesa virá dar-lhe nova consagração". E despede-se com queixas do declínio da saúde.

Decididamente, o chiste e a irreverência de Machado de Assis aguardam o misterioso momento em que os personagens do mundo oficial atravessem o espelho de Alice e passem a se chamar Simão Bacamarte, Benedito ou Quintanilha.

Voltemos a pesquisar as razões do "pessimismo" ou do decantado "ceticismo" que de repente aparecem na obra maior de Machado de Assis. Serão frutos do fêdio da vida? Dificilmente se coaduna o morno aborrecimento com a grande fecundidade. Será, como tantos tem dito, no sentimento de inferioridade ou de frustração que devemos encontrar a incógnita? Parece-nos que o sentimento de inferioridade deveria agir com mais virulência na mocidade e na adolescência do que na idade madura; e quanto a frustração, basta interrogar a vida do homem para ter resposta enfaticamente negativa. E quem formular aquela outra hipótese que estava implícita na carta de Joaquim Nabuco, pela qual o pessimismo seria uma atitude cultivada, então interroga a obra. É ainda mais enérgicamente a obra dirá que não. Tão fina perfeição, tão mantida unidade de tom, tão lucida análise dos mecanismos da verdade há de corresponder a uma visão, e visão verdadeira, e não pode explicar-se pela artificiosa fabricação que contorce os eixos da personalidade.

Dissemos que ele não teve do que se queixar. Teve, mas foi só no fim da vida, quando lhe faltou a doce Carolina. Pela primeira vez a vesícula de fel aparece em carta, quando escreve a Veríssimo em 1905: "Quanto à minha visão das coisas, meu amigo, estou ainda muito perto de uma grande injustiça para: descrever do mal". Ainda mais perto dessa "grande injustiça", na segunda carta que escreve a Nabuco depois da morte da esposa, mostra um prodígio de cerimonia, de etiqueta, de "retenue" que nós outros, bárbaros habitantes do século XX, mal podemos admitir. Eis a carta: "Meu caro Nabuco. — Quando ia responder à sua carta de 8 de outubro, aqui chegada depois da morte de minha querida Carolina, trouxe-me o correio outra de 17 de novembro, a respeito desta catástrofe. A nova carta veio com palavras de animação, quais poderiam ser ditas por você, tão altas, cabais e verdadeiras. Há só um ponto, meu querido amigo; é que as lê e relê um velho homem sem forças, radicalmente enfermo. Farei o que puder para obedecer ao preceito da amizade e da bondade. Ainda uma vez, obrigado! Indo à carta anterior, dir-lhe-ei que a inscrição para a Academia terminou a 30 de novembro, e os candidatos são o Osório Duque-Estrada, o Vicente Carvalho e o Souza Bandeira. A candidatura do Jaceguay..." E só no fim da epístola, vinte linhas abaixo,

volta à falta que o punge: "O Veríssimo está de há muito restaurado. Eu, se reviver do grande golpe, não deverei menos a você e às suas palavras, para o único fim de resistir; não é que a vida em si me valha muito. Revele-me a insistência e receba um abraço amantíssimo do Amô velho, Machado de Assis".

E aqui, imitando as piroetas do mestre, deixemos Carolina e falemos da Academia. Inaugurada a 12 de dezembro de 1895, ela está, com mimos de filha única, em todas as cartas que Machado escreve a Nabuco. É realmente a filha diletta, que solta os primeiros vagidos, cresce, boça corpo e passa de menina a moça. "A Academia parece que enfim vai ter casa..." "Falei sobre isso, há tempos, com o Ministro do Interior, que me não respondeu definitivamente acerca da Academia; mas há duas semanas, soube que a nossa Academia também seria alojada, e ontem fui procurado pelo engenheiro daquele ministério". Meses depois comunicava: "A nossa Academia Brasileira já tem seu aposento, como deve saber".

A vida da Academia, sobretudo no que toca o preenchimento das vagas, é o assunto mais extenso na correspondência de Machado. Em carta de 1899 trata-se de sucessão de Taunay e da candidatura provável de Arinos. Foram lembrados também os nomes de Constando Alves e Assis Brasil. Em 10 de março diz: "A minha idéia secreta era que quando o Rio Branco viesse ao Brasil, fosse recebido por você na Academia". Em dezembro de 1899, falando de Oliveira Lima, diz "o nosso confrade da Academia". Em janeiro de 1902 relata com extensos pormenores a eleição da Academia e a vitória de Arinos. Em março do mesmo ano volta ao assunto e aborda o problema da nova candidatura: "Hei de procurar o Lucio e o Valentim, para saber se ele quer ser candidato". Em abril de 1903, a propósito da lista de nomes para distribuição da "Primeira Memória" de Rio Branco, diz: "Não esqueci a Academia..." Em outubro do mesmo ano trata-se da eleição de Euclides da Cunha uma vez que não se apresentaram o Jabeaguay nem o Quintino; e narra a recepção de Afonso Arinos. "A recepção deste foi muito brilhante; respondeu-lhe o Olavo Bilac". Em junho de 1904, cumprimentando Nabuco pelo sucesso obtido na questão dos limites com a Guiana Inglesa, começa assim: "Já com amigos comuns, lhe mandei os meus cumprimentos; O mesmo com a nossa Academia". E mais adiante refere-se ao aposento que já tem. Em dezembro, a quarenta dias de distância da perda da esposa, escreve a carta que já transcrevemos. Seis dias depois volta a falar exclusivamente nos negócios da Academia, e queixa-se de que sejam apenas três os candidatos que se apresentam, sem a menor restrição ao nome ou ao mérito de algum deles. Nabuco sugerira o Jaceguay. "Mas é preciso — diz Machado — que os candidatos venham de si mesmos, em vez de se deixarem quietos, como estão. Desta vez, com a casa nova e a quantia votada no orçamento para a mobília (pende ainda no Senado o orçamento) sempre cuidei que os candidatos seriam mais numerosos..."

Para aqui a enumeração que poderia prolongar por espaço dez vezes maior. Não costumo exigir de meu leitor o gosto pelos pormenores; mas desta vez pareceu-me que a sobrecarga era didaticamente necessária para dar uma idéia da importância que teve para Machado a instituição que viria nascer e cujo crescimento acompanhara com devoção do crente. Perguntamos agora por onde anda o outro Machado que sempre esteve a sorrir-se de tudo. Onde está o cético? Onde o irreverente? Onde o desconsolado que ia "procurar consócio no desconsócio do Ecclesiaste"? Estamos diante de uma figura humana que trê na perenidade das instituições à revella do efêmero da vida. Perdeu Carolina; sente-se a dois passos da morte. "Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela... me esperará". Nesse meio tempo interessa-se pela candidatura de Duque Estrada, e lamenta a abstenção de Jaceguay. E, sem sombra de ironia, queixa-se do desinteresse dos que não se deixam encantar pelos efêmeros aposentos e pelas alfaias da Academia, que aliás ainda pendem do Senado!

Que singular conúbio de humores se realiza nesse homem institucional, diria até diplomático, quase acrescento mundano, que por outro lado sabia, de ciência fartamente confessada, que são vãos os aparelhos que os homens arquitetam sob o sol!